ANNO II — CAPITAL FEDERAL 17 DE MAIO DE 1899 — N. 90

ESCRIPTORIO E REDACÇÃO
N. 41
Travessa do Ouvidor
2º Andar

NUMERO AVULSO
100 réis

O Rio-Nú

PERIODICO BI-SEMANAL
CAUSTICO
HUMORISTICO
Ás quartas e sabbados

NUMERO ATRAZADO
200 réis

COLLABORADORES

Carlos Eduardo, Bock, Le Petit, Reporter, Caetano Kean Gombeaux, Martin I, Ludoro, Lucas Tavares, Chico Bola, Dr. Zé Carioca, Ricaneur, Job Olina, Piparote, Dona Fina, Mané Gregorio Junior, Thereza, a Casta, Bock-Bier, Chopp, Frei Celo e Pai Paulino.

REDACÇÃO
DE
GIL MORENO E VAZ SIMÃO

Assignaturas para a Capital e Estados

Anno....................................	12$000
Seis mezes....................................	6$000
Extrangeiro, anno....................................	25$000

COLUMNA POLITICA

Houve quem extranhasse o procedimento da maioria da camara dos deputados por occasião da eleição dos vice-presidentes da mesa.

E entre os muitos commentarios a que o facto deu lugar, um houve que não podemos deixar de combater. Esse foi o que attribuiu á maioria desejos de fazer opposição ao governo do actual Presidente da Republica.

Não póde haver maior, nem mais flagrante injustiça do que emprestarem aos membros da maioria essa intenção de desrespeito a S. Ex., de quem elles tão amigos, tão enthusiastas se mostraram.

E' sabido de todos o horror que o nosso primeiro magistrado tem por tudo quanto é negro, por tudo quanto é mulato, (pobre do Sr. Glycerio!) e os membros da maioria não podiam ignorar, como não ignoram que elle tem tal *quizilia*.

Como, sem barulho, sem discursos enthusiastas, poderiam elles manifestar o seu apoio a S. Ex. se não lisongeando-lhe o gosto e affirmando uma certa identidade de aversões? !

E foi o que fizeram. Aproveitaram a eleição e todos, em massa, votaram em *branco* só para engrossar, ahi está, só para engrossar e para deixar tontos os que não são atilados como o

R. Luz.

RIO A NOITE

Carta aberta ao grande senhor Menelão Fagundes, signatario da carta aqui publicada na quarta-feira passada.

Meu amigo — Permitta que o trate assim. Essa palavra *amigo* encerra muita coisa boa, e é de esperar que este incidente, tão lamentavel para nós tres, acabe aqui em boa camaradagem, entre mim, V. S. e a sua virtuosa e excellentissima esposa, como bons amigos que somos...

Eu nunca tive a intenção de offender o Sr. Menelão, oh! nunca! Absolutamente nunca tive a intenção de a offender (e a Sra. D. Maricota que o diga) pois a minha estada no camarim foi motivada por uma dessas coisas muito difficeis de explicar...

Não quererá por força o Sr. Menelão que eu venha dizer, aqui em publico e raso, do alto da primeira columna d'*O Rio Nú*, que foi uma forte dôr de barriga ou o desejo de roubar as joias da sua virtuosa mulher — que atirou commigo para dentro do seu camarim. Não, certamente o Sr. Menelão não quererá que eu venha dizer isso. O motivo foi um e unico: — é que eu sou visinho em camarim do Sr. Menelão e a minha entrada ahi foi obra desse deus traiçoeiro — o Acaso. Foi o acaso, Sr. Menelão, quem me fez penetrar no sanctuario augusto onde a mulher de V. S. muda de roupa. E comprehende o Sr. Menelão, uma vez alli dentro, tendo entrado tambem a sua virtuosissima consorte e tendo começado ella a despir-se, — a mim não me ficava bem apparecer de repente, fazendo-a corar de vergonha e de pudor e lhe dizer atarantadamente: «perdão, minha senhora, eu me enganei no numero».

Comprehende o Sr. Menelão que isso não me ficava bem. Nem a mim nem a ella. — E então fiz a unica coisa digna, sensata, prudente, que um homem da minha civilisação podia fazer: — escondi-me. Escondi-me, Sr. Menelão, unica e simplesmente para poupar á sua virtuosissima mulher o vexame de ver que eu estava vendo tudo... Parece que procedi como um homem do seculo e como um homem de bem.

Agora, quanto ao Sr. Menelão dizer que ainda lhe não faltam um bom revolver e um bom chicote, eu acho que isso é pilheria do Sr. Menelão... E' pilheria. Não póde deixar de ser pilheria... E olhe que o Sr. Menelão até teve graça!... Caramba! O Sr. Menelão sabe que isto aqui é um jornal pilherico e então quiz fazer tambem a sua pilheriasinha... E olhe que a fez e bem feita. O Sr. Menelão queira acceitar os meus parabens!...

E de caminho queira o Sr. Menelão apresentar a Ex. Sr. D. Maricota as minhas felicitações, por não ser ella, como o senhor tão bem o diz, uma descuidada e não fazer como outras que entram no mar com o calção descosido... Veja o Sr. Menelão que decadencia!...

Entrar no mar com o calção descosido, onde! Sr. Menelão! onde! — atraz! Oh! isto é indigno e o Sr. Menelão faz muito bem em querer que a sua virtuosissima esposa se demore o maior tempo possivel em mudar de roupa.

Já vê o Sr. Menelão que d'aqui da parte d'este pobre diabo não houve nunca intenção de o offender. Lá o entrar no camarim foi um acaso... E fique o Sr. Menelão muito amiguinho nosso e tambem tanto o senhor como a D. Maricota um presentinho para os annos d'*O Rio Nú*.

Adeus, Sr. Menelão. Creia-me sempre muito grato e muito amigo. Mas guarde o chicote.

BEER.

Os "OO" das Morenas

Conversava a Leonor
Com a bella Maricota.
Entrava em these na janota,
Entrava em tudo o amor.

Mas Leonor, fugindo á intriga,
Agarra a outra e sacode-a...
Esta, porém, falla á amiga
De pronuncia e de prosodia.

Diz Leonor torcendo o resto
E n'um gesto desolado:
— «Tenho um profundo desgosto
Só por ter o *o* fechado...»

— «Isto quasi não se nota,
Diz a outra mais de perto:
«Olha, eu que sou Maricota
Tenho o meu o bem aberto!...»

M. GREGORIO JUNIOR.

FELICITAÇÕES

Pelo motivo do nosso primeiro anniversario continuamos a receber os seguintes telegrammas, cartas, cartões, etc., que com prazer registramos.

Vaz Simão — Acceite felicitações cordeaes pelo primeiro anniversario de teu *Rio Nú*.

Antigo colaborador que delle fui, não me esquecerei nunca da boa camaradagem entre nós sempre viva. — Abraça-te teu, *Frei Flavio*.

—

Aos incansaveis redactores do *Rio Nú*, comprimenta pelo primeiro anniversario. — O Dr. *Rio Judo*.

—

Ao *Rio Nú*. Cumprimentos do *K. To. Rila*.

—

Ao illustre director proprietario do *Rio Nú* cumprimenta J. M. Villela por occasião do primeiro anniversario da sua espirituosa folha.

—

Tenho crime no cartorio.
Pois não é que, cebolorio!
M'esqueci do anniversario
Do nosso bi-semanario
Que já foi ao baptisterio
Não tendo nada de serio!!
O que é p'ra causar delirio!
As desculpas pedir venho,
E crendo que estas já tenho,
Passo a offerecer um lyrio
Ao petiz endiabrado,
Que se não estiver sellado,
Deverá fazer appello,
Ao illustre — *Dr. Sello*.

Rio, 13 de Maio de 1899.

Aos illustres chefes, incansaveis batalhadores, Vaz Simão e Gil Moreno, felicita pelo anniversario do petiz *Rio Nú*, desejando-lhe toda a prosperidade *O Lincoln*.

—

Aos srs. Gil Moreno e Vaz Simão — Folgo em comprimentar-vos pela victoria que alcançou o seu conceituado jornal o qual rompeu todas as difficuldades, sempre feliz e fresco. Ao menino *Rio-Nú* deseja mil dias iguaes e um bom *fato* o collaborador. *Parasita*.

—

A' illustrada redacção d'*O Rio Nú* — Se bem que affastado da secção *Nossa Adivinha*, como um dos mais antigos collaboradores d'aquella secção, não posso deixar de felicitar ao corpo de redacção do *Rio Nú* pela data de seu anniversario, desejando que prosigam no arduo trabalho de distrahir as donzellas que ás terças e sextas, por traz das rotulas esperam anciosas pelo apimentado bregeiro. — *Valete de Ouros*, ex- *R. E. Kaso Mellado*.

—

Salve! 13 de Maio de 99 — Ao *Rio Nú*

O dia de hoje é de festa
Vou jogar no urubú,
Por mostrar — *O Rio Nú*
Uma ruga em sua testa,

Pelos trabalhos insanos
De fazer rir e pular
— Eu tambem quero brincar,
E delle saúdo os annos.

Alegre o meu coração,
Saúda o — seu — Gil Moreno,
— Que é o papae do — pequeno, —
Junto com o — Vaz Simão.

K. H. I.

—

Aos proprietarios do popular jornal *O Rio Nú* — Sendo *O Rio Nú* no seu primeiro anniversario popular, faz votos pelo dia de hoje o charadista *Mysotis*. Que no seu segundo anniversario seja elle Universal.

—

Recebemos mais os seguintes telegrammas:

Maceió, 16, *Rio Nú*, Rio. — Saúdo baluarte da moral e da innocencia. — *Braz Carapeté*.

—

Manáos, 13, *Rio Nú*, Rio. Felicitações. — *Pensador*.

—

Bahia, 13, *Rio Nú*. Cumprimento grande orgão opposicionista. — *Vianna*.

—

S. Paulo, 11, *Nú*, Rio. Saudações. — *Poetas*.

—

Lisboa, 13. — Ao *Rio-Nú*, Rio de Janeiro. Cumprimento V. Ex. anniversario da folha, fazendo votos prosperidade. — *Carlos*.

—

Santa Catharina, 13. — Viva a imprensa! Saudações. — *Schmidt*.

—

Petropolis, 13, *Rio Nú*, Rio. Obrigado, rapazes. Saudações. — *Alberto*.

—

Porto Alegre, 13. Saudações anniversario — *Moleiros*.

—

Recife, 13, *Rio Nú*, Rio. — Saudações do povo e governo pernambucano. — *Araujo*.

—

Bello Horizonte, 13, *Rio Nú*, Rio. Saúdo festa anniversaria *Brandão*.

—

Goyaz, 13, *Rio Nú*. Um abraço primeiro anno. — *Urbano*.

—

Fortaleza, 13, *Rio Nú*. Avante rapazes! Saudações e lingue. — *Aergoli*.

—

Petropolis, 13, *Rio Nú*, Rio. Cumprimento unico jornal que tem dado p'ra coisa. — *Eduiges*.

GAZETINHA

Ha dias passados li na *Imprensa*, na secção theatral, que o chronista havia recebido uma carta de S. Paulo communicando que n'uma das ultimas representações do *Rio da Papagaio* um *pompier* fôra obrigado a fugir do theatro, tal qual estava em scena...

Na *Noticia*, de sexta-feira ultima, no rodapé, lendo a chronica theatral de A. A. observei que o autor da *Gavroche* dirigia algumas censuras ao actor Colás.

Não havia que duvidar! O autor da *tal carta* não era outro senão A. A.!...

O Sr. Arthur dizia mais: «Sabes que não costumo *gostar cera com cuias defuntos* e se não te presasse, oh! Colás não diria essas verdades!...»

Vem cá, meu chronista! Quando tu elogias as tuas proprias *filhas* não *gostas cêra com cuias defunto*! Para que essa modestia toda, quando tu bem sabes quanto vales!

Disseram-me que o Colás não foi receber A. A. na estação e d'ahi toda a bilis do chronista. Para um outro qualquer isso de nada valia; mas A. A. quer impôr-se á admiração de todos e d'ahi o tal rodapé da *Noticia* muito bem combinado com o estrellinhado da *Imprensa*.

Queres um conselho *Gavroche*? trata de teu rheumatismo e deixa a humanidade em paz. Volta cêdo e nada de rumo; essa vida não serve!

....

Irra! Que diabo de homem! Mesmo distante de nós não deixa de dar assumpto! Fabrica outra revista; mas, pelo amôr de Deus, toma juizo, *Gavroche*!...

LUDURO.

A Maçã

Affirmam que Eva comeu
A maçã do Paraiso...
Depois então n'um sorriso
Ao Adão offereceu.

Contam mais e com verdade
Que já tendo ella comido
Dera depois ao marido
Que só comeu a metade...

E' falso!... Não se discuta!
Eis a coisa verdadeira:
— Adão comeu toda inteira...
Eva comeu outra fructa!

BOCK.

Scena Intima

— O' mamã, você não me diz uma coisa?
— O que é, menina?
— No tempo de Eva não existia outra mulher, não é assim?
— Não. E porque?
— E' porque eu queria saber quem era a costureira de Eva...
— Eva não tinha costureira, minha filha.
— E quem faria a roupa d'ella, mamã?
— A roupa de Eva... E' boa!... Eva não tinha roupa, filha... Eva vestia-se de folha de parreira...
— De folha de parreira!... O' mamã, você me manda fazer tambem um vestido de folha de parreira?
— E' cedo, filha, é muito cedo... A folha de parreira é para depois...

TOPICO

— Em um salão certa dama
A quem um dente doia
N'um canto triste gemia
Como criança de mama.

— Um typo galanteador
Ao ver tal soffrimento
A ella vai n'um momento
Com ares de seductor.

E assim lhe falla sorrindo
Todo meiguice e carinho:
— «Se lhe dóe o seu dentinho,
E lhe enfeia o rosto lindo,

Eu sei remedio que logo
Cural-a póde; si quer
Seu effeito póde ver
Attendendo este meu rogo.

Deixe que na linda bocca
Um doce beijo deponha
E essa dor tão enfadonha
Fugirá como uma louca.»

— «E' valor extraordinario
O que ao seu remedio dá!...
Porque não cura o papá
Que soffre de hemorrhoidario!...»

Z. B. DEU.

Tivemos a honra da visita do Sr. Joaquim Toribio da Costa, que percorreu as capitaes dos diversos estados da União a colher dados para um livro, que escreverá, no intuito de beneficiar á lavoura, commercio, artes e industrias.

O Sr. Toribio teve a gentileza de offerecer-nos, como lembrança da sua visita, um galho de cafeeiro carregadinho que faz gosto.

Agradecemos ao illustre patriota a honra que nos deu.

THEATRO DO RIO NU'

Collecção de monologos, cançonetas, scenas comicas e poesias

Das oito ás dez...

(*Monologo*)

Eu moro lá no Retiro Saudoso,
Muito além da Ponta do Cajú;
Mas tenho aqui, neste centro populoso,
Um bom cantinho p'r'os rendez-vous.
Quando eu vejo uma sinhá
Que tenha geito,
Deito-lhe um certo olhar,
E fallação lhe deito.

Na rua da Valla
Numero tres,
Tenho uma sala,
Ha mais de um mez...
Posso esperal-a?
Das oito ás dez.

O mez passado eu a fui Botafogo,
No palacete da condessa X...
Findo o jantar, a condessinha em fogo
Que eu lhe cantasse uma romanza quiz
P'ra romanza o logar
Proprio não lhe pareça
Posso aqui desafinar
Mas sóra condessa...

Na rua da Valla, etc.

Outro dia assisti a um casamento,
E que era a noiva um pancadão notei;
Ali na igreja tive um feliz pensamento
E a nívea mão da joven lhe apertei
Depois fomos dansar
E numa volta de *grand chaîne*
Pude-então lhe murmurar
Entre o pathetico e o solemne.

Na rua da Valla, etc.

Só fo, massada, desculpae ao Mattos,
Que o espectaculo somente quiz encher;
Mas [illegible] que vejo são até muito cor-
[datos.
E desejos tem sempre de me ver,
Mas são horas já a saltar
Ainda que aqui ninguem me apresse
Porém p'ra ninguem se magoar
Vos deixo aqui a minha *adresse*...

Na rua da Valla, etc.

QUIPROQUO

A D. Clelia tinha consentido no casamento da Rosinha com o Eduardo, porque julgava que elle fosse rico. O rapaz, effectivamente o tinha sido, mas na bella da pandega esbanjára todo o cobre.

Dias antes do casamento, Eduardo que conhecia a opinião que formava da sua fortuna, teve uma idéa genial: finge uma indisposição subita, vira os olhos, tem calafrios, suspira.

Vendo isto D. Clelia, afflicta, pergunta-lhe:

— O que tem o senhor?

— Eu nada tenho, D. Clelia, suspira Eduardo.

Alguns instantes depois, nova indisposição, outros calafrios.

— Meu Deus! Senhor Carlos, o senhor tem alguma cousa? pergunta novamente a velha.

— Asseguro-lhe que nada tenho, minha senhora. Não a quero enganar.

Dias depois celebrou-se o casamento. Após a cerimonia verificou-se que o rapaz não tinha eira nem beira, o que fez a sogra dar o grande desespero.

Avançando para o genro, em toda a plenitude do seu papel de sogra, ululou a velha:

— O senhor é um canalha, um *pranapla* e enganou-nos miseravelmente.

— Não é exacto, minha senhora, respondeu Carlos com toda a calma. Por duas vezes a senhora perguntou-me si eu tinha alguma cousa e eu respondi-lhe que nada tinha. Bem vê, portanto, que disse a verdade e que fez mal em não ter dado credito ás minhas palavras.

ROB CHALEUR.

PENURIA

Tive uma casa — cahiu;
tive uma planta — murchou;
tive um gatinho — fugiu;
tive uma trompa — rachou;

tive algum ouro — joguei;
tive um cavallo — cansou;
tive um casaco — rasguei;
tive um cachorro — cegou.

tive um amor — me esqueceu;
tive mulher — já morreu;
tive esperança — gorou.

tive uma cama — vendi;
tudo em resumo perdi...
Só minha sogra ficou!!!

Loteria Mineira Agave Americana. — Extracções diarias: ás 5 horas da tarde com Juiz de Fóra, com assistencia do Exm. Sr. Dr. Corrêa de Azevedo, fiscal do governo. Vende franca na Capital Federal. Agente geral, rua Nova do Ouvidor n. 23; sub-agente geral Casa Sobre, rua Gonçalves Dias n.50

SONETO

A' menina que só gosta de me ver quando trago botinas amarellas.

Que uma menina aprecie
Ver um homem bem vestido,
Que um olhar terno, querido
O seu amor denuncie,

Vá! Mas que a menina queira
Que use botas amarellas
E que apertecas com fivellas,
Com franqueza, não me cheira...

Se tratos lhe dá á bola
Diga-me lá, ó menina,
Se isto, não dá certa mossa:

Como quer que seja a sola,
Se gosta da sola fina
Ou prefere antes a grossa...

D. LOURENÇO

VER E CRER

Milhares de pessoas n'este paiz, o mesmo que em toda a America Latina, estão interessadas em saber o resultado do Concurso n. 2 d'O *Correio da America*, interessante e curiosa publicação que se publica em Nova York.

Eis aqui os nomes e enderêços dos agraciados no dito concurso:

Sra. Lastenia Mendez, Timaco, Venezuela	$50
Snr. M. M. Figueiredo (boticario) Timaco, Venezuela	40
Snr. Manoel Molano Caceres Piedras, Colombia	35
Snr. Ramon C. Zarate (boticario), Piedras, Colombia	25
Snr. J. da Cunha Valle, São Miguel de Guanhães, Brazil	20
Snr. Cezar Alves de Oliveira Castro (boticario), São Miguel de Guanhães, Brazil	15
Total, ouro americano	$185

O Banco de Venezuela, Caracas, Venezuela, os Srs. Ferguson Noguera & C., Bogotá, Colombia, e o London and River Plate Bank, Limited, Rio de Janeiro, Brazil, foram as instituições por cujo intermedio se pagaram os premios. Ver e crer.

Outro Concurso, intitulado «Numero 3,» se encerrará no dia 1º de Junho proximo. Para tomar parte n'elle ha que encher um coupon que apparece no mesmo *Correio da America*. Não tem que subscrever o periodico, pois os boticarios o distribuem gratis. Solicitem, pois, os leitores *O Correio da America* nas boticas sem perda de tempo e encham coupons.

O pagamento dos premios está garantido pelos Srs. Scott & Bowne, de Nova York, preparadores da famosa Emulsão de Scott.

Lição

Certo tartufo da moda,
Um galanteador barato
Conversava n'uma roda
De gente de fino trato.

E uma senhora se queixa
(Oh! antes não se queixasse!):
De que uma empigem na face
Ha muito que não a deixa.

Diz o tartufo: — «Deseja
«Dar-lhe um remedio, senhora
«Basta só lhe dar um beijo
«Em cima da empigem agora.»

Diz-lhe a senhora confusa
Mas mostrando certa verve:
— Isso p'ra empigens não serve...
Só p'ra hemorrhoidas se usa!...

CARLOS EDUARDO.

Theatrices...

O Sr. Medeiros acaba de annunciar que fazem parte do elenco da sua companhia as sras. Ismenia dos Santos e Augusta Massart.

E' possivel que com a entrada dessas senhoras seja um tanto modificada a companhia do sr. Medeiros.

Teremos, em vez da Morgadinha feita pela actriz Maria de Carmo, que falla cantando, uma Morgadinha barrigada, que apenas murmura quando falla.

A sra. Augusta Massart, essa não sabemos o que fará n'aquelle meio, onde não se canta por solfa. Segundo o valioso juizo do *Garoto* que assobiava na fallecida *Gazeta da Tarde*, essa moça era uma notabilidade como cantora, e desconfio que o sr. Medeiros não está em idade de se metter em cantigas. E' entretanto, possivel, que ella limite-se a fazer de ingenua e com isto talvez tenha alguma cousa a lucrar.

Emfim, só desejamos á companhia do sr. Medeiros que prospere e que arranje os seus casos de modo a a representar dramas, ao envez de executal-os, como tem feito até aqui.

* *

Pelas continuas substituições de que se tem encarregado na companhia Tomba, a sra. Cesana está começando a empanar o brilho da sra. Aliverti, que até aqui era a primeira actriz de reserva que conhecíamos. Julgamos que a esta actriz cabe o direito de reclamar contra a violação do seu privilegio.

CERTIDÃO

— O que é preciso para que eu entre no concurso de professora?

— Minha senhora, um attestado medico e uma certidão de baptismo.

— Só?

— Só.

E o Januario sahio no passo da *agitação* para a casa do pai, um *burguez* pacato e possuidor de grandes louas.

Mas o vigario da freguezia, que era um refinado *tolin*, procura na hora da missa, o olho sensual, para a menina.

Ella achava exquisito uma donzella amar um *padre*, mas, como elle era um rapaz bonito, que com certesa errára a vocação, resolveu dar *alguma corda* mesmo porque o amor não faz questão de classe...

Ella foi acompanhada pelo Maltoso, o pai cerbéro, em demanda da igreja.

Como sempre o vigario Malaquias recebeu-os com toda o delicadeza.

— Então, o que querem?

Uma confissão? Faz muito bem. Ha 6 mezes que a menina não se confessa:

— Não é isso, respondeu-lhe o pai; vem em busca de uma certidão.

— Ah! E' como está aqui aproveita o momento. Não é verdade?

— Como o senhor Vigario quizer, disse a moça.

— Sem duvida ressmungou o pai.

— Então vou confessal-a e depois procuraremos os assentamentos.

E como a confissão é um acto secreto, padre e filha entraram em uma saleta e fecharam a porta.

....

— O velho S. Pedro! Que cousas pavorosas! Mandae que o sachristão corra a cortina do vosso *nicho*.

Passaram-se duas horas.

E nada. Ambos trancados!

O burguez impacientou-se. Foi á porta, bateu.

— Então senhor Vigario não acabou?

— Quasi, respondeu. Estou agora consultando o assento de sua filha.

— De véras!

— E' verdade. Estou por emquanto no 69...

— No 69! No 69! Tem razão. Para consultar tantos livros... O Vigario tem razão.

E adormeceu recostado em um banco, emquanto a porta permanecia fechada...

JOB OLINA.

MODINHAS BRAZILEIRAS

UMA ENTREVISTA

FREDOLI

Cantor de serenata, assim me chamam
que eu tenho para isso muito gosto,
pois tenho o pobre peito tão cheio
contente sempre estou, sempre disposto.

Nas bellas noites de luz
quem ouvir o meu cantar,
chegue á janella da rua
Venha ouvir o meu penar.

Cantando uma canção, á luz da lua,
um nome terno e doce cantas prolfiro!
Rumor eu ouço alem, numa janella
soltando aos mansos ares um suspiro.

Vibrando as cordas da lyra
na minha branda canção
vou ver logo quem suspira
da noite na solidão.

Fazendo a voz mais terna eu disse: O' [deusa,
porque gemer assim se a noite é bella?!
Eu quero ver teu rosto... não te escondas
Não vês? Sou trovador! Abre a janella.

Ha muito que eu gemo triste
pensando somente em ti!
Hontem á tarde sorriste
quando eu passei por aqui

Espera, ó trovador, descanta ainda,
quero a vida comtigo! eu já sou tua!
E' bello ao som de um canto um beijo [puro,
que mesmo faz inveja á propria lua!

Colhei meus labios nos della,
vibrando de ardente amor!...
Da noite tão meiga e bella,
só resta lembrança e dor.

EDUARDO DAS NEVES.

PREMIOS DO «RIO-NÚ»

No nosso penultimo numero foi premiado: no *Motte a concurso*, NOSTRADAMUS, que obteve o primeiro logar; na *Nossa adivinha* foi BEARNEZ, quem primeiro conseguio matar todas as questões. Ambos pódem vir ao nosso escriptorio receber o premio.

MOTTE A CONCURSO

Continúa aberta esta secção. Daremos em cada numero dois versos que devem ser glosados pelos con-

FOLHETIM

11

Mulheres, Theatros e Chopps!...

Romance realista

DE

LUDORO

(*Continuação*)

V

[illegible] carta foi a demora; [illegible] Voltou, [illegible] amante e [illegible] de outr'ora.

Era um verdadeiro [illegible] que [illegible] amor, [illegible]

Lucas, [illegible] e passava os dias sem comer. Tinha por mais de uma vez desejos de mandar pedir ao Lucas que viesse vel-a; mas, numa noite, ao voltar do espectaculo viu o amante sahir da casa de Esther. Já lhe haviam dito que o Lucas reatara as relações com Esther; ella, porém, não deixou de acreditar, tinha sperado vêr para bem certificar-se. Viu com os proprios olhos o ex-amante sahir da casa da outra, chegou a parar quasi junto delle; mas julgava ser um sonho o que presenciara, uma visão qualquer!...

Comparava o Lucas com o Ferraz e achava uma dissemelhança cruel: um, tinha o maior escrupulo em aceitar, fosse o que fosse, de sua mão, o outro [illegible] todo o dia [illegible]

Conhecera o Ferraz muito antes do Lucas; mas não trepidara em aceitar os galanteios do outro, porquanto preferiva viver com todo o conforto, ter alguem que a auxiliasse na acquisição de *toilettes* e no pagamento do aluguel da casa e da mobilia.

Não que o Ferraz vivesse á custa do amante, não! Era pobre; mas nunca sacrificara Lucas; ao contrario, quando [illegible]

Acceitava o Novaes, chegada mesmo a apaixonar-se por elle a ponto de abandonar tudo e emprehender uma viagem a S. Paulo em companhia do amante, não pensando no futuro e gastando a mãos largas. Viu depois que essa vida assim desenhada de tudo não poderia continuar e procurou sufocar os impulsos de seu coração! [illegible]

Devem os leitores estar lembrados da *rejeites* de Lucia no encontrar-se com o Novaes no *Parque Fluminense*, quando elle buscou uma desculpa para fugir ao pagamento do aluguel do carro...

Apaixonara-se depois pelo Carlos Ferraz e estava disposta a romper com elle para aceitar os galanteios de um outro...

Passava os dias a deitar as cartas e a ler romances.

Nas cartas escolhia a *dama de paus* para representar-se e o *rei de paus* para distinguir o Lucas.

Lera dez vezes a *Dama das Camelias* e repellira a *Madalena* como um romance indigno, torpe!

[illegible]

acompanhava nesses passeios a Botafogo e Tijuca, antes do sol descambar no poente.

Amava, como ás mulheres, toda sorte de armas brancas. Adorava a laminas de Toledo, [illegible]

Aos ouvidos de Lucia havia chegado a noticia de que o Raul era de uma distincção inegualavel para com as suas amantes e não receiou de pedir que a convidasse para fazer-lhe companhia num *dîner* aristocratico que o amigo do Lucas tinha á disposição na cocheira...

O Raul sorriu, replicando:

— Porque não? Mas e Lucas?

— O que tem?

— Di-me pancada se me vir com a senhora...

— Qual? Se fosse com a Esther sim, mas comigo, não pense em tal!

Chegára o Ferraz nessa occasião e a conversa ficára interrompida...

O Raul, ao encontrar-se com o Lucas, no dia subsequente, tudo referiu ao amigo.

— Deves aceitar, disse o Lucas. A Lucia é uma mulher que não sabe distinguir o bem e o mal. [illegible]

— Não, Deus [illegible]

O amigo não acreditou naquella palavras e nunca mais procurou ver a Lucia. Atirou-se a uma bella italiana, desprezou uma cabocla, entabolou conversa com uma *mignon* estatuetinha de uma casa de chapéos da rua Gonçalves Dias e continuou a sonhar com duellos á pistola e florete!...

Emquanto tudo isso acontecia, Esther a fitar demoradamente, hora a hora, o rosto de Lucas, buscava encontrar uma prova de infidelidade do amante, soffrendo physica e moralmente, tremendo ás lembranças do momento da separação, em que o Lucas, fatigado de seus caricias e affagos, se deixasse arrastar pelos encantos de uma Lucia qualquer...

Lembrava-se que fôra ella quem inculcara esse caparigo como a capaz de de comprehendel-o, sentia-se cheia de si propria e amaldiçoava o Mundo... Mas, ás 8 horas da noite, ao vêr entrar em seu *boudoir* o amante querido, depressa olvidava [illegible] mais, entregando-se toda, cheia de prazer, certa de tel-o preso aos seus pés para sempre — eternamente! Descerrava os olhos, contemplava o Lucas, bem de perto, [illegible] Lucas, [illegible] dera continuar?

Relembrava os encantos de Lucia, [illegible]

— Resta! Resta que fai!

(*Continúa*).

correntes, obtendo, como premio, aquelle que melhor colloração tiver, uma elegante carteirinha.

O resultado deste concurso será sempre publicado com intervallo de um numero, sendo as glossas recebidas até a vespera da publicação do numero antecedente

Para o motte —

Eu sei que você prommette,
Mas depois você não casa.

recebemos as seguintes glossas :

Abaixe já o topête,
Não me conte valentias,
Meu bom amigo Mathias.
Eu sei que você prommette
Quando pintar o sete,
Mas é prosa, pois sem asa,
Cupido nunca se abraza
Eu me calo por piedade,
Si falhar, diga a verdade,
Mas depois você não casa.

NOSTRADAMUS.

—

—Não brinque sem Frei Sinete ?—
—Deixa de luxos Alice
—Tu já sabes, já te disse ! —
—*Eu sei que você prommette,*
Depois de pintar o sete
Faz me como fez á Mãza
Assa a sardinha na brãza...
Mil abraços, mil caricias
Tudo p'ra mim são delicias...
Mas depois você não casa !

PALITO.

—

Com tanto que eu faça o ninho
No meio deste topête
Dás-me o teu bello gatinho
Eu sei que você prommette.
Mas eu, priminho, lhe digo
Si mamãe me vê comsigo
Põe-me o pello ardendo em braza..
Mas dize lá, ó Renato
Eu vou comtigo ao regato
Mas depois você não casa !

PHIDIAS.

—

Que menina de topête
Ainda se mette em pião,
Isto tudo é muito mão
Eu sei que você prommette,
No numero pinta o sete,
Nos beijos não perde vasa,
A qualquer arresta a aza.
Wae pequena namorando
Os beliscos desfructando,
Mas depois você não casa !

VERISSIMO COMPLICADO

—

—Ai, menina, eu pinto o sete
Se não me satisfizeres.
—Não, não dou o que tu queres !
Eu sei que você prommette ;
Mas depois...o arco mette...
—Qual ! esse amor que me abraza
E' tufão que tudo arraza
(E todo o tempo me empurra) !
—Já sei : tu não perdes vaza
Mas depois você não casa...

DR. SELLO.

Carolina não aperte,
Não o machuques assim
Pelo som deste lantim
Eu sei que você prommette
Até nisso és tão coquette
Tal ardor teu corpo abraza
Que já se falla do Mazza
Intisicar na trombeta...
Não te importes... isto é pêta...
Mas depois você não casa.

CASO NÃO HAJA.

—

Pão de Lot, bom-cau, croquette
Casa boa e mobiliada
P'ra apanhar e marmellada
Eu sei que você prommette.
Mas... se comer a omelete
Satisfeita a fome rasa
Que teu coração abraza !...
Eu que entristeça e me queixe !...
Você quer papar o peixe,
Mas depois você não casa.

CARUNA.

—

Meu primo, seu canivete,
Todo torto e ferrujado,
A metter no meu costado
Eu sei que você prommette.
Tem sempre pintado o sete,
Já me fez o corpo em brasa
E de nomes me poz rasa,
A coisa tem stado dura
E sei que você me fura
Mas depois você não casa.

FÉ LIPEE.

—

Fez tal pedido á Odette
Esse rapaz que a namora
Que ella disse, sem demora,
Eu sei que você prommette.
Porém, não vê, não reflecte
Que se tal paixão o abraza
Não pode ganhar a vasa
Só com promessas de amor !
Isso é bom, é seductor
Mas depois você não casa.

ORIEBIR.

—

Para o proximo numero offerecemos o seguinte motte :

Em baixo dessa mangueira,
A menina fez fortuna.

Só recebemos até sexta-feira as glossas deste motte. As que nos chegarem depois, serão inutilisadas.

As glossas devem vir em tiras escriptas de um só lado.

NOSSA ADIVINHA

«Honny soit qui mal y pense.

ACHAR PROVERBIOS

SOLUÇÃO DO N. 11

.....*ninguem diga*
Deste pulo não comerei

Acertaram : Atchim, H. Lopes, Thebas, Bearnez, Roganga, Pipi, K. I Pora, Nostradamus e Ohniram.

—

N. 13

Maricota é menina bonita
Toda chic, elegante, garbosa ;
Tanto tem de bonita e formosa
Como tem de galante e catita ?

—

Mas o primo, o Conrado de Lima
Que mal sabe as asneiras que diz,
Torce sempre á menina o nariz
E não faz galanteios á prima.

—

Não é caso da gente estranhar,
A razão é patente, está visto !
Todos sabem que a coisa está n'isto:
Porque.....*

I

CHARADA SEM NUMERO

E' rija, dura e aprumada
P'ra entrar no seu buraco,
Ao sahir de lá coitada,
Sai molhada como um charco.

No redondo em que ella entra,
Ou no comprido tambem,
P'ra entrar em tal funcção,
Vive em continuo vae-vem.

Se vier pingando ainda
Ao sahir, não é espanto
O que é certo é que o liquido
Fica lá dentro, garanto.

Ha nella, trez consoantes,
Duas vogaes tambem há,
Tem cinco lettras somente,
Entra sem P e finda em A.

K. I. PORA.

II

CHARADA ANTIGA

A A. K. C. PORÉ

Rio Anil tão conhecido
No Estado do Maranhão—1
Sómente p'ra quem tem raiva—2
Póde ser pé de questão.

Quem geographia estudou
Mesmo sem gosto e sem geito
Conhece *Anil* o Bacanga ;
E animal para conceito

DR. CORINGA.

III

Na primeira co'a segunda
Um mamifero veris ;
Mattutando mais um, pouco,
A charada matarás.

Agora terceira e quarta
Só no fundo d'algibeira
E o todo só se encontra
N'um pomar ou na fructeira.

PERY.

IV

LOGOGRIPHO

Tem tido grande extracção—1-2-3-4
A parte posterior—5—6—7—8
Pois até certo animal
Já reclama com furor.

FREI CHERIO.

V

A moeda vôa, para e gyra no rio 2. 1. 2. 1.

NOSTRADAMUS.

VI

Põe-se no terreiro á entrada 1—2.

D. PEPINO.

VII

Não corra, entregue este novo, —2—1.

PAPAI BAZILIO.

VIII

O vento e o instrumento são da mythologia—2—1.

DR. CURINGA.

IX

Ao K. C. PORÉ.

Incredulo—2—5—12—1—16
Mulher—1—11—3. 13—7
Animal—5—6—2—5—14—10
Deusa—9—8—11—12—7
Rio—15—13—10—16
Grande homem.

ORTULUA.

X

Aqui, a pomba é religiosa 1—2

K. LADO.

XI

No mar, no ar, no lar 2—2.

K. T. T.

XII

PERGUNTAS E RESPOSTAS

O que é ? O que é ?

Quem faz não pode gosar,
Quem gosa não pode ver
Se ninguem o quer usar
Que cousa pode isto ser ?

K. I. PORA.

Confere.

FREI CERO.

—

Só recebemos as decifrações deste numero até sexta-feira. Serão inutilisadas as que nos chegarem depois.

As decifrações e a lista dos decifradores serão sempre publicadas com intervallo de um numero, recebendo-se o resultado até o dia da publicação do numero antecedente.

Ao primeiro decifrador daremos, como premio, uma elegante carteirinha.

Acceitamos collaboração, que nos deve ser enviada em tiras escriptas só de um lado.

Os *pontos*, n'este torneio, são contados, um, por questão decifrada, ou por trabalho publicado.

Servem taes *pontos* para a distribuição dos premios, que faremos aos cinco primeiros collaboradores e decifradores, no fim do mez corrente.

Propuzemos 12 questões cujas decifrações eram :

... *Corra, Perlaza, Cousa, Abata, Aspergia, Fechadura, Pervia, Mola, Bellaiana, Canada, Cacheira, Docemuargo.*

Decifraram :

Myosotis 8, Dondocas 9, Papa-Negro 11, K. Quinho 11, Atchim 7, Uberajara 7, Thebas 7, Bearnez 12, Parasita 8, Ohniram, 7, Pipi 9, K. I. Pora 8, Nostradamus 11, Fé Lippe 4.

—No n. 87 deixamos de citar, entre os decifradores, o nome de Bearnez, que, como de costume mandou solução certa das 12 e questões propostas e mais a do proverbio.

QUEBRA-CABEÇAS

635 420

460... 948

Correndo... 843

740 sempre 787

699

Tenho medo !

Regressando de longa viagem
Em busca de ovações no *Rio Nú*
Encontrei uma joven que me disse :
« Moço, se queres, leva-te Pétú ».

ARSOC.

FOLHETIM 27

A VINGANÇA DE UM SAPATEIRO

Romance realista

POR

NEDOCK

SEGUNDA PARTE

II

O MUNDO-NUDO

(*Continuação*)

Nesse mesmo dia, á tarde, antes de o jantar, enquanto o moço percorria a pequena vila, Manoel e Rosinha, no quarto, com uns ares mysteriosos, discutiam as difficuldades da vida que levavam...

A mulher, sempre mais astuta, dera a perceber que o hospede não era completamente estranho a uma carieca domingueira, com ultimos noldes e enfiadinhos no pouco a seios, querendo convencer Manoelinho de lhe contando a rondella de perna, como a entrefinha desde sem um laivo de cabeça ou olhar, como todo elle lhe pareceria naquelle instante, com os tremidos de joelhos, uma alma ingenua, ainda virgem de uma ventura desmaiar, e que se guiava todo ao primeiro contacto de perna quente que o tocasse de leve... Parecia-lhe igualmente que alli estava uma boa furia a explorar—e que o unico capital a empregar para essa empreza seria uma boa dose de carinhos, uns encontros de perna, furtivamente, debaixo da mesa, e umas cilindelinhas, de vez em quando, só por cima... Era isso, o plano em esse,—e elle Manoelinho que se não importasse com o que ella fizesse, porque o inimigo seria vencido em pouco tempo, e talvez dali a dias já estivessem elles de contas todas pagas.

Manoelinho achava aquella coisa um bocadinho nodosa... Certamente, lhe não ficava bem, a elle—o marido, aquella historia da perna... Que ella lhe fizesse agrados, sim—pensava. Era esse mesmo o dever de toda a dona de casa : tratar bem os seus hospedes. Mas aquillo de perna encostada, do roçadela leita, de quentura e de roliça, —não lhe sonva bem aos ouvidos... Não, com todos os diabos ! não sonva,—e elle não queria depois, sim, não queria que... Com todos os diabos ! o que elle queria era que a mulher se deixasse daquellas historias...

Se o homem sympathisar comnosco e nos quizer ajudar, sim senhora... Está muito direito. Mas do que isso, não ! Eu não consinto... A minha dignidade não m'o permitte !

E Manoelinho quando falava na sua dignidade e tinha o ar de um homem que na vida só tinha tido até alli um procedimento de santo e umas intenções de semphim. Não se lembrava de que aquella mulher que tinha alli ao pé de si, a sua legitima mulher, obrigava-a elle pelo mais indigno de todos os meios ; não se lembrava que tinha sido aquella mesma Rosinha que fizera a *felicidade* do pobre João da Cunha, tempos atraz, com elle propria, com elle Manoel... Lembrava-se de tudo para se se lembrar deste, dos seus direitos de marido, e para cochar a bocca com a sua dignidade.

Rosinha, entretanto, com bons modos, fofolhe dizendo que o não havia nisso quebra de dignidade ; nenhuma, não senhor. O que ella queria era fazer balar o sardo, porque já pescou bem, que elle era um bobão. E seria bobo da parte delles deixar que o fornecedor e a hoteleira vivessem todos os dias gritar-lhes á porta, quando pediam remediar tudo isso com uma pequena cordeiro-ademia.

— Não, Manozinho, dizia ella. Você não tem razão. Não ha desdouro nenhum nisso... Eu não me vou entregar ao sardo.

— Bem sei, senhora ; bem sei que a senhora não se vai entregar abertamente ao sardo. Mas a mim não me fica bem a certa sentada deste lado da mesa, e saber que um homem alli em frente a mim está sentado nas trapalhices com a quentura da perna da minha mulher. Isso até certo ponto poe-me na cabeça umas fonturas e eu não estou para representar o papel de marido infeliz... Não, não ! Isso era muito bom no tempo do finado João da Cunha ! Não ! comnigo não ! Comnigo é nove e eu não quero saber mais de historias !...

Rosinha não desanimava. O principio a fallar-lhe das riquezas do outro, do modo generoso como ele parara o repoz do animal, da *bolacia* que ella vira, santo Deus ! que até nem parecia ser verdade que aquelle homem assim tão simples, com uns modos tão simples, tivesse tanto dinheiro.

— E não é qual intendendo, continuava ella, não senhor, não ó. Tem ares de boa pessoa e parece querer fazer bem por gosto. Eu não digo agora que eu vá... sim... não... Isso eu não digo. Mas, agradar, fazer feita, uma carieca-sinha, uma terneira, sem ser por mal...

Manozinho continuava calado e a mulher fofolhe dizendo que não fosse mão, porque todo o homem o que queria era aquillo — bacheia e terneira. E quanto ao mais que elle se não impoctasse, oh ! não ! Era até uma luta de confiança, uma insulto a ella Rosinha, esses ditos delle, esses ares do marido.

Não, ella não podia consentir nisso. Era injusto e odioso. E demais, com o polecomello do sardo, coitado ! Era injustiça com elle, oh ! sim ! muita injustiça. O pobre homem não merecia o pillo ! Se soubesse lhe estimar quando sentia a perna della ! Coitado, o sardo sabia, sabia perfeitamente o que fazia esse cousa...

Já elle o sentira, já, e muitas vezes, e até com ella mesma, quando ainda não eram casados — esse contacto de um corpo moço e quente... Oh ! elle Manozinho sabia-o bem, e se não devia admirar de que o olhar do outro tivesse brilhado... Não fora por mal, o sardo era bom pessoa.

Manozinho pensava. Aquillo era o diabo ! E elle sentia, longe o vago, como haviam de ser terriveis aquelles momentos de João da Cunha, quando elle lhe ia contar as suas façanhas... Ah ! o pobre homem havia de ter soffrido muito ! Lembrava-se do ridiculo a que o outro ficaria exposto, se elle fosse uma taguarella e tivesse lodinado aquella cousa pela cidade inteira... Se elle tivesse dito aqui e alli que a mulher do sapateiro sopnava na venta, e que elle, sem a saber, dissera isso mesmo ao marido por entre baforadas de chorinho e ressonancia a perfume—charuto e perfumes que elle o estudo pegara... Oh ! a que infortio nodoso teria elle, se o tivesse querido, expoz e publado de João da Cunha !... Oh ! não ! Não queria tambem ser exposto ao ridiculo... Não queria que o tal sardo fosse a dizer a Deus e ao mundo de que [illegible] a perna de sua mulher. Não tinham, nem o sardo nem ninguem, o direito de saber se a perna da mulher era feia ou era quente ! Não, não queria ! Aquillo era uma indignidade... Não lhe fallaria em mais em semelhante cousa...

(*Continúa*).

LOTERIA DA CAPITAL

GRANDE E ESPECIAL LOTERIA DE S. JOÃO

Extracção Em 24 de Junho proximo Extracção

INTEGRAES POR 40$000 — **500:000$000** — INTEGRAES POR 40$000

JOGAM SO 30,000 BILHETES

A sorte quem da é DEUS e nas loterias CAMÕES & COMP.

AO POVO

Quem deixará de jogar nesta opulenta loteria dedicada a um Santo tão folião como S. João? com certeza ninguem!

Todos jogam, os Joães, os Joaquins, os Josés, os Antonios, os Manoeis, os Franciscos e etc., assim como o bello sexo.

Joga o pobre, joga o rico, jogam todos quantos são para tirar o grande premio no dia de S. João.

Bilhete inteiro 40$000 — Fracções 800 rs.

AGENCIA

2-A, BECCO DAS CANCELLAS, 2-A

Camões & Comp.

AVISO. Pedimos para bem declarar o logar e o Estado em que reside, afim de evitar confusão no endereço da correspondencia.

CERVEJARIA BRAHMA

FRANZISKANER BRAU

ESPECIALIDADE — CERVEJA PILSENER

EM BARRIS, GARRAFAS E CAIXAS

142 RUA VISCONDE DE SAPUCAHY 142

Cerveja em Chopp AUTOMATS

CERVEJA EM CHOPP AUTOMATS

CERVEJA EM CHOPP AUTOMATS

Recommenda-se ás casas com freguezia menos numerosa e ás freguezes particulares o apparelho para tirar chopp BARRIL AUTOMATICO, como melhor e mais commodo, pelas seguintes vantagens:

1º A cerveja chega ás fabricas bem gelada.

2º Tem bastante pressão de acido carbonico para ser tirada sem perda alguma.

3º A cerveja no Automat, mesmo já esvaziado em parte, conserva-se durante 15 dias em estado ainda perfeito e inalteravel.

4º Quando a cerveja ficar quente, a sua temperatura poderá ser reduzida em pouco tempo e com quantidade diminuta de gelo.

5º A manipulação do Automat, é a mais simples possivel, e basta vel-o funccionar uma vez para ficar perfeitamente informado do systema de usar o mesmo.

A entrega dos Automats poderá ser effectuada em casa, com cerveja de nossas marcas FRAZISKANER BRAU ou cerveja PILSENER, a escolha do freguez.

Com a maior promptidão satisfazemos os pedidos que nos forem dirigidos, para qualquer das nossas marcas de cerveja, quer em vasilhas, barris, caixas de 48 garrafas ou de 72 meias garrafas.

Georg Maschke & C.

CALÇADO

LOJA DO POVO

81 RUA DA URUGUAYANA 81

Vendas excepcionaes para acabar com o negocio, liquidação por qualquer preço para evitar o sello. só até o dia 22, esta casa fecha no dia 23, só indo ver para crer.

CASA DO POVO

81—Rua da Uruguayana—81

CHARUTARIA CASTELLÕES

Unica que recebe cigarros S. Luiz do Parahytinga; Barbacena (Valle); Espirito-Santo do Pinhal; Baependy; Sitio; Borboleta

DEPOSITO DOS CIGARROS ITATIAYA

GUIMARAES & C.

71 Largo do Rosario 71

S. PAULO

CAFE' JEREMIAS

Fabrica á Vapor DO Especial Café Torrado e Moido á vista

"JEREMIAS"

De 1ª qualidade e sem igual

Café moido para negocio, grande desconto e muita presteza nas encommendas

AO JEREMIAS

Pois que é o Café mais puro, melhor e de primeira qualidade

O Proprietario, JEREMIAS ALVES.

216, Rua do Senador Eusebio

Canto da Rua do Visconde de Sapucahy

LIVROS

A VENDA

NESTE ESCRIPTORIO

Contos para velhos, de Bob	2$000	Magdalena, H. P. Escrich	1$000
Cancioneiro Popular, de Catullo	2$000	Martyrio e Cynismo, Montepin	2$000
Maria, a desgraçada, E. da Silva	2$000	Martinhada	1$000
Motta Coqueiro, José do Patrocinio	1$000	A Dama das Camelias, Dumas	1$000
Os Sete Bagos de Uva, Paulo de Kock	1$400	O Cantor de Modinhas, Brasileira	1$000
A Vereda das Ameixas, idem	1$400	O Trovador Moderno	1$000
O barro do Sr. Martinho, idem	1$400	O Trovador de Esquina	2$000
A Familia Pavilhão, idem	1$000	Manual do Namorado	2$000
A Noiva de Calote, idem	1$000	Martyres do Coração	5$000
Namorado sem ventura, idem	1$000	A Mulata	6$000
Vingança de mulher, idem	1$000	O Orador do Povo	2$800
Maria, a menina roubada, T. de Souza	1$000	Um fio de gosa	5$000
		Os Crimes do Amor, Rabellais	1$000
		O fructo de um crime	3$000

Os pedidos do interior devem vir acompanhados de mais 500 réis para o porte e ser enviados em carta registrada com valor declarado.

REABERTURA!

DA

CHAPELARIA AMERICANA

133 - RUA DO OUVIDOR - 133

(EM FRENTE AO CAILTAU)

Este importante estabelecimento, que em consequencia do segundo incendio do *HOTEL PETROPOLIS*, acaba de ser reformado, reabre-se ao publico desta capital.

Os seus proprietarios não medirão esforços nem despezas para tornal-o o que foi antes de ser attingido pelos sinistros: um *ESTABELECIMENTO UNICO*, uma casa *MODELO* no genero.

Reabrindo a *CHAPELARIA AMERICANA* depois das obras porque passou, os seus proprietarios convidam os seus amigos e freguezes para visital-a, afim de que observem que tudo ahi é de primeira ordem.

O publico mais exigente encontrará na *CHAPELARIA AMERICANA* artigos da mais rara especialidade e do mais subido gosto, confeccionados nas melhores fabricas nacionaes e européas. Sobresahindo entre elles, bengalas para homens e guarda chuvas para senhoras e homens.

Attendendo á taxa cambial, os proprietarios adoptarão a divisa de vender barato para vender muito, o que quer dizer que a *CHAPELARIA AMERICANA* não se constituirá pelos preços o terror dos seus numerosos amigos e freguezes.

133 - RUA DO OUVIDOR - 133

Carvalho Portugal & Comp.

O RIO-NU'

No escriptorio desta folha compra-se a 200 réis o n. 55 d'O Rio-Nú.